

Robson Ramos

Evangelização no Mercado Pós-Moderno



Editora Ultimato
Viçosa, MG

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
<i>Introdução</i>	13
1. <i>Mente cristã: uma reflexão</i>	19
2. <i>Lições aprendidas na Universidade da Babilônia</i>	33
3. <i>Estrangeiros entre nós</i>	45
4. <i>Uma reflexão sobre o movimento missionário brasileiro</i>	53
5. <i>Como usar minha profissão no campo missionário?</i>	65
6. <i>Profissionais impactando a cidade: uma forma diferente de plantar igrejas</i>	75
7. <i>A religião da pós-modernidade</i>	83
8. <i>Download in process: relacionamento e esperança</i>	99

PREFÁCIO

AS PRIMEIRAS IMAGENS que tenho do Robson Ramos me remetem à biblioteca da Faculdade Teológica Batista de São Paulo no início da década de 80. Enquanto eu colocava no lugar os livros revirados pelos alunos na noite anterior ou lambuzava com veneno — cujo cheiro jamais esquecerei, uma espécie de vício — os livros novos que chegavam, meus olhos sempre pousavam curiosos naquele único habitante compenetrado que ocupava a mesma mesa todas as manhãs. Sempre tive vontade de remexer seus apontamentos.

Passados mais de 20 anos, nada mais apropriado para este prefácio, que muito me honra poder escrever, do que me lembrar do Robson exatamente numa biblioteca. Sua trajetória na Aliança Bíblica Universitária e depois na Sociedade Bíblica Internacional sempre foi marcada pela busca do discernimento cultural e do diálogo com a sociedade, na perspectiva tanto do fortalecimento dos cristãos em missão quanto do alcance dos não cristãos com a verdade do evangelho. Não poucas vezes ouvi seus sonhos e sempre testemunhei seu esforço no sentido de colocar nas mãos da Igreja um texto em sintonia com o nosso tempo, capaz de ser um instrumento para os cristãos na evangelização e na apologética.

A começar pelo maravilhoso título *Evangelização no Mercado Pós-Moderno*, o texto que você tem em mãos é profundo e ao mesmo tempo simples e prático, como somente bons pensadores são capazes de produzir. A abordagem inteligente e corajosa de temas interessantíssimos, como por exemplo a compreensão da mente cristã, a reflexão sobre o movimento missionário brasileiro, os novos paradigmas dos profissionais missionários e a espiritualidade e religião na pós-modernidade, são razões suficientes para você se deixar questionar e provocar por estas reflexões.

A crítica a respeito do vácuo intelectual do movimento evangélico, que não foi capaz de produzir nem influenciar a cultura e as artes, a academia, a política, e a ciência em nosso país, está com seus dias contados. Com entusiasmo e esperança recomendo a leitura deste livro, acreditando que é mais uma semente no solo onde brotará uma nova geração de cristãos. Uma geração mais comprometida com a busca da relevância no testemunho da fé, mais aberta ao diálogo com a sociedade em suas múltiplas dimensões, apaixonada pela evangelização e corajosa para encarar os desafios da chamada pós-modernidade, cujas perguntas não podem ser equacionadas com clichês e respostas prontas, mas certamente serão entendidas por todos aqueles que se deixarem levar pelo Espírito-Vento. O Espírito que não somente guia à toda a verdade mas também sopra onde quer, surpreendendo, inovando, gerando novos nascimentos, convertendo mentes e corações, e dando nova vida à velha e eterna mensagem da cruz.

EDRENÉ KIVITZ

*Pastor da Igreja Batista de Água Branca, em São Paulo
São Paulo, outubro de 2003*

INTRODUÇÃO

Num sermão pregado em Oxford em 1939, C. S. Lewis fez a seguinte pergunta: “O que estamos nós fazendo aqui estudando filosofia ou Literatura Medieval, enquanto a Europa está em guerra? [...] Como podemos nos dar ao luxo de ficar ocupados com essas preocupações tão elevadas quando as vidas e liberdade dos nossos amigos e a liberdade da Europa está em jogo? Não estaríamos nós brincando enquanto Roma é incendiada?” No sermão Lewis prossegue na sua argumentação dizendo que os cristãos se defrontam com esta mesma questão em épocas de paz... “A verdadeira tragédia de Nero não estava no fato de que ele se divertia enquanto a cidade queimava, e sim no fato de ele ter brincado à beira do inferno.”¹

UM DOS MEUS MELHORES amigos — que não se considera cristão — me disse que às vezes se surpreende pensando que, se Deus existe, não deve gostar da banalização que é feita do seu nome. Um conhecido colunista da mais lida revista semanal do país reclamou da superexposição do sagrado em nossa cultura. “Menos deus, por favor” foi o seu desabafo.²

É um alerta. Não é à-toa que o segmento dos não-religiosos está entre os que mais cresceram na década de 90.

Não se pretende esgotar os temas abordados. Este livro é para pessoas interessadas nos assuntos que, de uma forma ou de outra, dizem respeito à evangelização, ou seja, a comunicação das boas novas de Jesus Cristo. O leitor porém não encontrará respostas prontas.

O material selecionado é fruto de conversas, encontros, experiências, preleções e participação em vários congressos.

Um dos pressupostos deste livro é que qualquer reflexão ou ação evangelizadora, transcultural ou não, deve levar em consideração as mudanças que estão acontecendo ao nosso redor e que afetam a todos nós, assim como as instituições, sejam elas eclesiais ou não, nas quais estamos envolvidos.

Vivemos num mundo de extremas transformações, que afetam todos os aspectos da nossa existência. Temas como pós-modernidade e globalização podem não evocar sentimentos muito confortáveis. Mas não podemos ignorar os seus efeitos, se desejamos nos manter responsabilmente engajados no projeto de levar o evangelho até os confins da terra.

A influência que este momento extraordinário exerce sobre o modo como vivemos, trabalhamos e comunicamos as boas novas de Jesus Cristo representa um desafio singular para a Igreja. Mais do que isso, está reestruturando a vida daqueles que pretendemos alcançar com o evangelho, assim como as instituições formadoras de opinião.

Nossa intenção não é fazer aqui um estudo aprofundado da pós-modernidade ou da globalização. Todavia não podemos deixar de fazer alguns registros que sirvam de parâmetro para nossa reflexão sobre a evangelização. Por ora, basta dizer que partimos do pressuposto de que as forças da pós-modernidade e globalização, por assim dizer, estão presentes na vida política, tecnológica, cultural, econômica e religiosa; e essas forças afetam direta ou indiretamente sistemas

políticos, tradições, valores, formas de pensar e agir, gostos — enfim, a vida da maior parte das pessoas, fazendo com que vivamos como uma “sociedade cosmopolita global. Somos a primeira geração a viver nessa sociedade, cujos contornos até agora só podemos perceber indistintamente”.³

Essas forças afetam também as instituições, sejam elas governamentais ou não, privadas ou religiosas. Desse modo, no início deste novo milênio, a Igreja precisa repensar o seu papel e reavaliar as suas práticas.

Essa sensação de fragilidade que experimentamos é também um reflexo da inadequação das instituições que, até o momento, serviram de referência. Precisamos reconstruí-las a partir do resgate de parâmetros encontrados nas Escrituras e na história da Igreja.

Não se trata de uma onda passageira. As forças da pós-modernidade e da globalização pouco a pouco se instalam em nosso cotidiano, no modo como vivemos em família, trabalhamos e servimos a Cristo. Nas palavras de Anthony Giddens, sociólogo inglês:

A família tradicional está ameaçada, está mudando, e vai mudar muito mais. Outras tradições, como as associadas à religião, estão também passando por transformações de vulto. O fundamentalismo tem origem num mundo de tradições que se esboroam. O campo de batalha do século XXI irá opor o fundamentalismo à tolerância cosmopolita.⁴

Quem é a pessoa que queremos impactar com as boas novas de Jesus Cristo, no início do terceiro milênio?

Segundo um filósofo contemporâneo, “o homem moderno é o que experimenta a sensação do estranho, não tem certezas estabelecidas, apenas dúvidas”.⁵

A cada dia, somos levados a conviver com novas tecnologias, mas, no fundo, parecemos nômades no deserto, exilados do único lar que conhecíamos. Uma das características desta época é o não-pertencimento, representado pelos

“sem-lar”, a exemplo do filho pródigo, que, após ter saído de casa, passou a viver “num lugar distante” (Lc 15.11-32).

A sociedade que adentra o terceiro milênio é cativa da visão pós-moderna que nada vê além da fragmentação e que, como uma nau à deriva, afirma a “dissolução da totalidade, do grande relato, da interpretação abrangente e histórica”.⁶

Como é a paisagem religiosa no início do terceiro milênio?

Ao contrário do que foi apregoado pelos profetas da modernidade, as sociedades modernas não decretaram o fim da religião mas viram surgir uma recomposição do campo religioso. Longe do controle e tutela institucionais, abriram-se novos espaços para a multiplicação de formas originais de crença.

Segundo a socióloga francesa Daniele Hervieu-Leger,⁷ podem ser apontadas quatro características desse modo de crer:

- 1) a decomposição da religião “de obrigação”;
- 2) o ecumenismo geral dos valores;
- 3) a pluralização de pequenos sistemas de crença;
- 4) a difusão de grupos voluntários em que a emoção ocupa um lugar central.

Por um lado, a religião é relegada a um lugar secundário na sociedade. Por outro, cresce o interesse e a demanda por temas e práticas de caráter espiritual, nas formas mais variadas e diversas possíveis. Este processo — que acontece sem que possa ser controlado pelas instituições religiosas legitimadoras das crenças — é facilmente observado pela multiplicação de símbolos e discursos religiosos que formam esse sincretismo religioso que vemos por toda parte.

Num contexto fértil como este, em que testemunhamos diariamente a emergência de formas inesperadas de sociabilidade religiosa, é preciso buscar e explorar novos rumos que permitam que ações evangelizadoras se concretizem de forma dinâmica e criem raízes. Só assim o movimento cristão fará frente aos desafios do terceiro milênio.

Todos os que se interessam pela evangelização devem prestar atenção ao cenário que se forma, no qual os atores são as ovelhas sem pastor que estão sendo “horrendamente tatuadas pelas complexidades” dos dias em que vivemos. E, em dias como estes, não há tempo para brincar, muito menos para dar motivo a que os nossos observadores venham a desdenhar de nós e se distanciar dos caminhos de Deus.

Notas

1. Extraído de MYERS, Kenneth. *All God's Children and Blue Suede Shoes*. Westchester, Illinois: Crossway Books, 1989. p. 25.
2. MAINARDI, Diogo. Menos deus, por favor. *Veja*, São Paulo, 11 jun. 2003, p. 127.
3. GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolo; o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 28.
4. Idem. p. 16.
5. BORNHEIM, Gerd. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 jul. 1995.
6. IANNI, Octavio. A sociedade global. *Boletim do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião* (Pontifícia Universidade Católica), São Paulo, p. 180-181.
7. HERVIEU-LEGER, Daniele. Citado no *Boletim do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião* (Pontifícia Universidade Católica), São Paulo, ano IV, n. 10, set. 1996.

capítulo um

MENTE CRISTÃ: UMA REFLEXÃO¹

Uma vida não examinada não vale a pena ser vivida.
SÓCRATES

SE CONCORDAMOS COM ESTA afirmação, atribuída a Sócrates, filósofo grego, colocamo-nos ao seu lado a respeito do perigo de uma vida que não se examina. A reflexão deste capítulo tem por objetivo fazer justamente isso: propor um exame de nossa forma de pensar. Estamos pensando e agindo de forma verdadeiramente cristã ou de acordo com padrões, normas e tradições que adotamos de forma acrítica?

O que é a mente cristã? O que significa pensar de maneira cristã? Como orientar o pensamento e a mente a partir de pressuposições cristãs é um tema de importância vital para o discipulado e para a expansão do evangelho em qualquer cultura e em qualquer tempo.

Bertrand Russell, um ateu confesso, autor de *Porque Não Sou Cristão*, não se equivocou quando disse, já no final da sua vida:

Os cristãos, na sua maioria, preferem morrer a se dar à reflexão e ao pensar. Na verdade é isso que eles acabam fazendo, isto é, morrendo.²

Ter a mente cristã é compreender o mundo ao nosso redor, influenciados pela verdade de Deus, a ponto de, mesmo imperfeitamente, pensarmos os pensamentos de Deus a respeito de qualquer assunto: desde o salário digno de uma empregada doméstica que tem duas crianças para cuidar e alimentar até as implicações éticas da biogenética. Entre outras coisas, ter a mente cristã é também fazer a análise de um filme ou de uma novela, à luz do ensino do evangelho.

O cristão que está conscientemente aperfeiçoando a mente cristã lida com as informações, experiências e idéias, a ponto de poder encaixá-las de acordo com o seu real valor no mapa do entendimento (cosmovisão) que ele já tem adquirido. Não se trata simplesmente de pensar isoladamente a respeito de tópicos normalmente vistos como “mais espirituais”, tais como oração, santidade, versículos da Bíblia etc. Harry Blamires, que popularizou a expressão “mente cristã” por meio do seu livro *The Christian Mind*, bem diz:

Uma mente cristã é uma mente treinada, informada e equipada para manusear os dados de uma controvérsia secular dentro de um quadro de referência constituído por pressuposições cristãs [...] Por exemplo, pressuposições quanto à universalidade do mal, quanto à verdade, questões éticas, sociais, valor da pessoa humana etc. [...] O cristão que pensa desafia os preconceitos correntes [...] perturba os complacentes [...] se antepõe aos

pragmatistas [...] questiona as bases de tudo que lhe diz respeito e faz-se incômodo.³

O pensar de maneira cristã não é uma disciplina ou um mero exercício intelectual no sentido mais estrito do termo. O que acontece é que a palavra “intelectual” é usada como um substantivo, refletindo uma visão distorcida do homem — resquício, aliás, da mentalidade iluminista, que atribui uma importância maior a uma certa pessoa apenas porque ela apresenta uma capacidade de reflexão maior ou menos apegada a preconceitos do que outras pessoas. Mas se usamos “intelectual” como adjetivo, descrevendo uma qualidade inerente do ser humano, entre outras qualidades, então podemos encontrar ressonância na Palavra de Deus, que nos vê como indivíduos dotados de sexualidade, emoção, amor, inteligência etc.

Se exacerbarmos uma qualidade em detrimento de outra estaremos descaracterizando e desumanizando o homem como originalmente intencionado e criado por Deus. Por outro lado existe também o perigo de se enfatizar de maneira desmedida o lado do entendimento humano obscurecido pelo pecado original — essa “perversão essencial” com a qual nascemos em razão de sermos herdeiros do pecado original. Entretanto, conquanto o entendimento seja rebelde, perverso e incapaz de realizar a vontade de Deus, ele o é em contraste com o que a mente era originalmente, antes do pecado de Adão, e, em contraste com a mente restaurada após a redenção. É preciso enfatizar também a importância e o papel da mente restaurada pela nova criação em Cristo (Rm 12.1,2; 1 Co 2.16; 2 Co 4.6; 5.17). Sobre a passagem de Romanos, John Stott afirma:

[...] aqui o apóstolo pressupõe que os cristãos têm (ou pelo menos devem ter) uma mente renovada, como também que essa mente renovada produz um efeito radical na nossa vida, já que nos capacita a discernir e aprovar a vontade de Deus, transformando assim a nossa conduta. A seqüência é

constrangedora. Se quisermos viver corretamente temos de pensar corretamente. Se quisermos pensar com integridade precisamos ter uma mente renovada, pois uma vez ela renovada, nossos interesses já não seguirão as propostas do mundo, mas a vontade de Deus, que nos transforma”.⁴

Percebe-se a ausência de um ensino equilibrado a esse respeito, quando se vê negada a importância e o papel de um referencial apologético básico para quem se interessa em comunicar e dar expressão à fé cristã no “mercado das idéias”. Afinal, argumenta-se: “Apologética é só para pessoas interessadas em discussões filosóficas. O que importa mesmo é o testemunho pessoal daquilo que Cristo fez na sua vida.” Mas será tão simples assim?

Saber articular uma apresentação do evangelho que seja ao mesmo tempo fiel às Escrituras e relevante no mercado das idéias é uma questão crucial para o cristão — especialmente em nosso contexto cultural, que oferece um cardápio de experiências religiosas bastante variado. A pluralidade de cosmovisões resultantes do sincretismo, tanto na esfera religiosa quanto na ideológica, assim como da própria justaposição do religioso e do ideológico, exige um realinhamento, tanto individual como comunitário, de uma mente cristã fundamentada em uma visão cristã do universo, da cultura, do sistema sociopolítico e religioso em que vivemos. Do contrário, estaremos nos expondo às críticas, muitas vezes merecidas, que têm sido levantadas contra o cristianismo institucionalizado e decadente do século passado, assim como o dos nossos dias. Escrevendo a respeito dos desafios e críticas marxistas à fé cristã, Klaus Bockmuehl nos desafiou a pensar seriamente nisso quando escreveu:

Qualquer pessoa que faz do homem o único objeto da teologia; qualquer pessoa que prega a piedosa subjetividade e as experiências religiosas do homem, em vez das “grandezas de Deus” (At 2.11); qualquer um que reduz a teologia ao esforço e aspiração humanos prepara o cristianismo para ser aniquilado

pela crítica marxista da religião. A teologia que elogia o homem (crente, piedoso, devoto, ou então racional, bem versado e ímpio) como o centro da religião, logo cairá como vítima da guilhotina crítica constituída por Feurbach e conservada pelos marxistas. Esta ameaça deve fazer-nos críticos do nosso próprio subjetivismo religioso; ela deve levar-nos a destronar o homem como rei da fé, do pensamento e da ação.⁵

Escrevendo a respeito daquele mesmo período, Ricardo Gondim afirma:

Na modernidade duas acusações perseguiram a igreja: ser opressora e “infantilizante”. Karl Marx viu nas instituições religiosas de seus dias os instrumentos de injustiça e alienação sociais. Já Sigmund Freud entendeu que a religião formava neuroses e castrava o desenvolvimento pessoal. Resultado: as igrejas na Europa se esvaziaram. O clima anticlerical recrudescceu. Rejeitou-se a herança cristã.⁶

Neste início do terceiro milênio a rejeição à herança cristã, particularmente no Brasil, tem acontecido por outras razões. Uma delas é a queda pelo mercantilismo, estimulada pelo número crescente de consumidores nas igrejas evangélicas. As organizações, empresas e pessoas que orbitam no universo de interesses das igrejas evangélicas muitas vezes se integram ao mundo atual não pela diferença, mas sim pela semelhança ao mundo globalizado, pragmático e consumista. Em vez de fazer a diferença, o assim chamado “segmento” evangélico — seja na esfera comercial, pública ou política — é um integrante a mais no conjunto do que já existe.

Em setembro de 2002, pessoas ligadas ao “mercado cristão brasileiro” estavam jubilosas pelo que entendiam ser o reconhecimento do mercado secular pelo sucesso de uma feira de produtos tidos como “cristãos”, organizada por evangélicos. A mais conceituada publicação brasileira sobre o mundo dos negócios trazia uma matéria sobre o tal evento que estaria supostamente mobilizando todo o mercado cristão brasileiro. Diz a matéria:

Foi-se o tempo em que produtos cristãos se limitavam a Bíblias, terços e imagens dos apóstolos. A partir de 19 de setembro [...] cerca de 70 empresas entre editoras, gravadoras, fábricas de roupas e calçados, brinquedos e alimentos, vão expor mais de 5.000 produtos. Os organizadores esperam movimentar 50 milhões de reais nos três dias do evento. Veja alguns dos itens que fazem parte desse mercado.⁷

Os itens apresentados logo abaixo eram:

Sandália – com uma conhecida logomarca entre os evangélicos: “Em vez de Xuxa, formiguinhas em sandália de plástico”.

Livro de receitas bíblicas – cada receita vem com uma citação bíblica. No guisado de lentilhas à moda de Jacó, por exemplo, lê-se: “um dia Jacó preparava um guisado; voltando Esaú cansado do campo, disse-lhe: ‘deixe-me comer um pouco dessa coisa vermelha’”.

CD de perguntas religiosas – “inspirado no Show do Milhão, do SBT, o CD de perguntas religiosas testa o domínio dos assuntos bíblicos. Uma pergunta do jogo: Qual profeta foi engolido por um grande peixe?”⁸

Com todo o respeito que eu teria pelo livro de receita, há tantas coisas boas e sérias no mercado editorial evangélico mais pertinentes à realidade social e histórica no Brasil, e que mereceriam destaque! Mas, por não serem da preferência dos consumidores evangélicos, não vendem tanto.

A idéia de ter a fé (reformada) evangélica representada numa matéria intitulada “Feira de Jesus”, apresentando sandália, CD de perguntas religiosas e livro de receitas, é de causar grande constrangimento a todo aquele que se diz seguidor de Jesus Cristo — ainda mais num momento em que o mundo inteiro enfrenta crises da maior importância e gravidade e no qual se discute o papel da religião e do fundamentalismo nos destinos do mundo. Não é de se suspeitar que pessoas mais esclarecidas e observadores mais atentos vejam os pastores como executivos.

O fato é que vamos nos acostumando com essas coisas e nos tornando apáticos em nossa visão crítica. E não percebemos — ou fingimos que não percebemos — as implicações dessas questões à credibilidade da mensagem da Igreja.

Ricardo Gondim conta uma história que nos ajuda a perceber a seriedade do momento em que vivemos:

Um pastor viajava de avião pelo Oriente. Depois que se apresentou ao homem sentado ao seu lado, falou-lhe de seu trabalho. Antes de poder compartilhar a mensagem do evangelho, o homem questionou-lhe: “Pastor, em minhas viagens pelo Oriente, sempre que me sento ao lado de um monge, tenho a sensação de estar ao lado de um santo homem. Por que, ao me sentar ao lado de um pastor, tenho a sensação de estar perto de um homem de negócios?”⁹

Uma mente cristã e uma cosmovisão cristã são de uma certa maneira lados diferentes de uma mesma moeda. Não é possível que haja um lado sem o outro. Quando falamos de cosmovisão não queremos dar a entender que devemos saber de tudo o que anda acontecendo no planeta, o que seria uma insensatez muito grande. Cosmovisão é o conjunto de pressuposições e conceitos que temos, conscientemente ou não, com o qual interpretamos todas as informações e a realidade com a qual somos confrontados diariamente. Cosmovisão é a forma como vemos a nós mesmos em relação a tudo o que existe, e vice-versa. Existem muitas cosmovisões: hindu, islâmica, materialista, marxista, espírita, existencialista, cristã, e ainda outras. Estas várias maneiras de interpretar a realidade são formadas a partir de valores culturais, familiares, formação religiosa e denominacional, formação ideológica e da experiência de vida de um modo geral.

Quando um indivíduo se converte a Cristo, ele traz consigo para a “nova vida” uma bagagem de cosmovisão assimilada durante anos, desde a mais tenra idade. A partir da conversão ao evangelho, esta bagagem precisa ser reavaliada e reconstruída com premissas fundamentadas nas Escrituras.

Afinal, essa bagagem não é deletada automaticamente quando a pessoa tem um encontro com Cristo, da forma como instalamos ou desinstalamos um aplicativo no computador. Ao mesmo tempo, muitos daqueles que professam qualquer tipo de filosofia de vida, convicção religiosa ou ideológica, não se dão conta de que existem muitas maneiras diferentes de enxergar a realidade.

Porque existe um entendimento deficiente nessa área, praticamente tudo o que fizermos ou pensarmos será marcado por distorções, que poderão ter efeitos desastrosos, tanto pessoal quanto comunitariamente, causando danos e embotando a imagem do evangelho de Jesus Cristo. Todo o sentido de vocação cristã, por exemplo, fica comprometido. Não é incomum encontrarmos cristãos confusos a respeito da vontade de Deus para as suas vidas, inseguros quanto à sua vocação cristã, pensando que precisam de uma “nova revelação” para toda e qualquer situação. Pode ser o caso, por exemplo, de um indivíduo que tem uma visão distorcida de Jesus; durante toda a sua vida, freqüentou uma igreja na qual o “Cristo” pregado e ensinado não é muito diferente de um “santo”, que resolve todos os nossos problemas, além, é claro, de garantir a nossa passagem para o céu. Situação semelhante é a da pessoa que se converteu ao evangelho depois de ter praticado o espiritismo por vários anos; por falta de uma atenção especial e de um ensino específico nesta área, ela continua enxergando, em sua mente, e cultuando um “Jesus” segundo a cosmovisão espírita. Uma outra situação tirada do cotidiano, tem como personagem central um jovem crente, estudante universitário e líder da Mocidade de sua igreja, que aceita de forma acrítica a interpretação marxista da história; segundo ele, esta interpretação “é mais coerente com a realidade da forma como ela se apresenta a nós”.

A vida e carreira de Ingmar Bergman,¹⁰ grande cineasta sueco, considerado o “pai do cinema psicológico”, tem sido

indelevelmente marcadas por uma experiência familiar cheia de repressão e medo. Desde a infância, tudo o que aprendeu dos seus pais foi afastamento, humilhações e punições. Ele só conseguiu dialogar com sua mãe quando ela já estava com 60 anos de idade. Seu pai tinha o hábito de trancá-lo num quarto escuro. Mais triste ainda é saber que seu pai era pastor evangélico. Quão diferente poderia ter sido a vida e carreira de Bergman se, em lugar de quartos escuros, seus pais tivessem lhe oferecido um lar que refletisse os verdadeiros atributos do caráter de Deus! A falta de uma mente cristã equilibrada afeta o sentido de prioridades e pode gerar problemas não apenas para o indivíduo como também para as pessoas ao seu redor, começando pela família.

O surfe nasceu no Havaí e foi reprimido por missionários que lá chegaram em 1820. Os missionários, imbuídos da educação puritana que só conhecia a ética do trabalho, rapidamente identificaram no surfe os “deploráveis elementos da imoralidade e da frivolidade”.¹¹ O esporte foi considerado nocivo ao comportamento dos habitantes e a sua prática foi fortemente desestimulada.

Não é de se espantar que, em várias partes do mundo, incluindo certamente o Brasil, as pessoas têm tanta aversão aos chamados “crentes”. Afinal quem poderia se interessar por um evangelho de quartos escuros, humilhações e proibições sem sentido?

Se as correções necessárias não forem feitas, logo estaremos chegando aos arraiais do fundamentalismo islâmico. Num programa de televisão, dois especialistas em assuntos islâmicos foram entrevistados sobre os efeitos do fundamentalismo islâmico e a razão do seu crescimento no Oriente Médio. Uma síntese do que eles afirmaram pode nos servir de auto-exame: as pessoas recorrem ao fundamentalismo no momento em que se sentem inseguras em seu mundo. Quando as inovações tecnológicas e políticas parecem confusas ou sem controle, as pessoas se refugiam em

algum tipo de sistema que ofereça segurança e controle. Fundamentalismo, em outras palavras, substitui o pensar por respostas simplistas e mecânicas. Lidar com uma realidade complexa, usando regras e descartando a necessidade de pensar, é um recurso estranho ao ensino da Palavra de Deus, encontrando precedentes apenas nos momentos mais obscuros e retrógrados da história do cristianismo.

Igualmente negativo pode ser o surgimento de uma elite pensante, que não vai além de sua retórica, ainda que correta e necessária. Se alguém tem dom e habilidade, seja de pregar ou escrever, a respeito de discipulado, missões ou política, é natural pressupor que tal pessoa, por mais coerente e correta que seja a sua análise sobre o assunto, esteja ativamente envolvida (e sofrendo na própria carne) na área sobre a qual escreve. Entretanto, a crítica que porventura alguém a venha fazer sobre outrem, que não é corroborada pela experiência na mesma área daquele cuja performance criticamos, tem o seu valor diminuído. A reflexão sem ação carece de autoridade, que surge da práxis na qual a reflexão é testada. Ou será possível um indivíduo ter um chamado de Deus para escrever e tecer críticas sobre o pensamento de outros, sem que tal chamado implique também em arregaçar as mangas e atuar naquela mesma área? Esta é uma das faces daquilo que Os Guinness identifica como “uma das ciladas da era da informação” — a de sermos envolvidos pela idéia de que fazemos parte de “uma nova classe pensadora”:

Os pensadores cristãos muitas vezes se aproximam mais de pessoas cultas que desprezam a fé, que de seus irmãos cristãos; o conhecimento dos especialistas é perseguido como um fim em si; o conhecimento especializado (que somente os especialistas podem entender) cria uma distância entre os especialistas e as pessoas comuns.¹²

Até mesmo os discípulos de Jesus não estavam protegidos contra o perigo de pensarem com uma cosmovisão sub

ou até mesmo anticristã. Como contemporâneos de sua época, inicialmente eles tiveram dificuldades para assimilar o verdadeiro contorno a respeito da identidade e missão do Messias e estavam com o pensamento influenciado por sua época e pelo momento histórico. Por isso não estavam pensando de acordo com a perspectiva de Deus (Mc 8.32,33).

Uma reflexão ainda mais abrangente sobre esse assunto pode nos ajudar em várias áreas, tanto individual como comunitariamente, mas fazê-la aqui não é nosso objetivo. No momento vale dizer o seguinte: é perfeitamente possível, embora repudiantemente triste, pensarmos e nos comportarmos como classe média alta ou pobre, como capitalistas ou socialistas, como “espirituais” ou segundo a nossa igreja ou denominação — mas não como Deus pensa. Qualquer que seja a nossa condição sempre existirá o perigo de permitirmos que o nosso entendimento seja moldado por valores ou critérios culturais, ideológicos ou até denominacionais que estejam em conflito com a vontade revelada de Deus.

A nossa geração de cristãos, começando com jovens estudantes, precisa ser instruída para não se esconder atrás da idéia de que não é “intelectual”, sob o risco de, como consequência, deixar de desenvolver uma visão crítica construída sobre os valores absolutos de Deus. Por trás da apatia que imobiliza muitos cristãos em nossas igrejas, existe uma religiosidade de mente vazia, camuflada por um raciocínio evasivo e por um ativismo que servem apenas de decoração espiritual incapaz de enfrentar os desafios colocados diante de nós.

Por que nos preocuparmos com um embasamento teológico e filosófico mais profundo? Por que falarmos da importância da “mente cristã”? Precisamente em benefício daquilo que chamamos de “coração”. Como podemos amar e servir a Deus se não nos aplicamos a compreender os seus desígnios? Se o caráter e a criação de Deus permanecem como um enigma para nós, então todo o nosso zelo, nossas orações e nossos

Louvorzões caem como devoção cega. Nossa religiosidade se degenera em superstição e a nossa liturgia se transforma em encantamento.

Amar a Deus com toda nossa alma, nossa força e nosso entendimento é uma jóia das Escrituras de um valor infinitamente maior do que normalmente lhe atribuímos. É imperativo que tenhamos tal disposição interior que nos impulse a resistir a postura antiintelectual tão prevalente numa cultura que floresce num mar de superficialidade. O florescimento de uma postura semelhante dentro da Casa de Deus pode ser como um Cavalo de Tróia que esconde dentro de si os perigos de uma religião sem conteúdo, de um ativismo sem direção, de fogo sem luz.

PARA REFLETIR E DISCUTIR EM GRUPO

- 1) O que é “pensar de forma cristã”? Descreva com suas próprias palavras.
- 2) Até que ponto a predominância de idéias e valores não cristãos na mídia e nos meios formadores de opinião é resultante da ausência de cristãos dispostos a ousar e apresentar suas convicções de forma pertinente e relevante?
- 3) Por que é importante saber “manusear os dados de uma controvérsia secular dentro de um referencial constituído por pressuposições cristãs”?
- 4) Qual a importância de um novo convertido a Cristo ser ensinado sobre a cosmovisão cristã?
- 5) O que fazer para que a nossa compreensão da vontade de Deus não seja ditada por influências culturais, ideológicas ou até denominacionais?

Notas

1. Retirado e adaptado do artigo com o mesmo título, publicado primeiramente no *Boletim Teológico da Fraternidade Teológica Latino-Americana*, Porto Alegre, ano 5, n. 15, jun. 1991, p. 27-32.
2. Palestra de Os Guinness, no C. S. Lewis Institute, em conferência sobre o tema "Confronting the 90's", em Washington, DC, EUA.
3. BLAMIRE, Harry. *The Christian Mind*. London: SPCK, 1963. p. 43.
4. STOTT, John. *O cristão em uma sociedade não cristã*. Rio de Janeiro: Vinde. p. 55.
5. BOCKMUEHL, Klaus. A crítica marxista à religião e a historicidade da fé cristã. In: *Marxismo e fé cristã: o desafio mútuo*. São Paulo: ABU Editora, 1989. p. 23.
6. GONDIM, Ricardo. *Artesãos de uma nova história*. São Paulo: Candeia, 2001. p. 96.
7. FERNANDES, Ednilson. Feira de Jesus. São Paulo, *Exame*, ano 36, n. 18, 4 set. 2002, p. 20.
8. Idem.
9. GONDIM, Ricardo. Eu também quero menos deus. *Ultimato*, Viçosa, n. 284, set.-out. 2003, p. 44.
10. Alguns dados biográficos de Bergman foram publicados com destaque na reportagem "70 Anos de Bergman", de página inteira, na *Folha de São Paulo*, 14 jul. 1988.
11. *Folha de São Paulo*, 20 abr. 1989.
12. GUINNESS, Os. A missão frente à modernidade. *Boletim Teológico da Fraternidade Teológica Latino-Americana*, Porto Alegre, ano 4, n. 11, abr. 1990, p. 14.